



TRAUMA COLONIAL, CURA, REINVENÇÃO DA VIDA: NARRATIVAS AFRO-AMERICANAS E AMERÍNDIAS NA LITERATURA ESTADUNIDENSE CONTEMPORÂNEA¹

COLONIAL TRAUMA, HEALING, REINVENTION OF LIFE: AFRO-AMERICAN AND NATIVE NATIONS NARRATIVES IN CONTEMPORARY US LITERATURE

Tiago Silva²

Resumo: Partindo da ideia de metacomentário de Jameson (1992), o presente ensaio visa a discutir a ficcionalização da história e a politização da experiência de sujeitos marginalizados, historicamente apagados da narrativa histórica oficial, como estratégia de revisão da grande narrativa de formação estadunidense e de ressignificação da participação de sujeitos negros e ameríndios nesse processo. Tomou-se como corpus os seguintes romances: *The color purple* (1982), de Alice Walker; *Beloved* (1987) e *Home* (2012), de Toni Morrison; *Mean Spirit* (1990), de Linda Hogan, e *Ceremony* (1977), de Leslie Marmon Silko, aqui compreendidos como metacomentários, que retomam a versão oficial da história para preencher suas lacunas e reescrevê-la a partir de novos focos narrativos, mais inclusivos e polifônicos, que legitimam a perspectiva de sujeitos subalternizados, propondo um (des)recalcamento da violência colonial, como ponto de mutação e de empoderamento, um resgate de culturas e práticas ancestrais como forma de curar-se da colonialidade e como plataforma política de resistência ao processo de ocidentalização da América.

Palavras-chave: Metacomentário. Narrar o trauma. Politização da experiência.

Abstract: From Jameson's idea of metacommentary (1992), this paper aims at discussing the fictionalization of history and the politicization of marginal experiences as a strategy for the revision of North-American official narrative, reframing the participation of black and indigenous peoples. The following novels were taken into account: *The color purple* (1982), by Alice Walker; *Beloved* (1987) and *Home* (2012), by Toni Morrison; *Mean Spirit* (1990), by Linda Hogan, and *Ceremony* (1977), by Leslie Marmon Silko, all considered as metacommentaries which, by opposing the official version of history, fill its gaps, and rewrite it from new narrative viewpoints. These narratives legitimize marginalized perspectives, center excluded subjects, and propose a rescue of traditional cultural practices as a means of healing from coloniality as well as a political platform for resisting the westernization of the Americas.

Keywords: Metacommentary. Narrating trauma. Politization of experience.

¹ Artigo recebido em 13 de agosto de 2020 e aceito em 10 de setembro de 2020.

² Pós-doutorando no PPGL/UFS, professor de Inglês do Instituto Federal de Sergipe, Campus Estância (IFS). Doutor em Letras, Teoria da Literatura, pelo PPGL/UFPE (2018). Pesquisador associado ao Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas (GELCCO), UEPB/UEFG, e ao Grupo de Pesquisa em Estudos de Texto, Leitura e Linguagem (GETELL), do IFS. E-mail: tiagob_s@yahoo.com.br.

Introdução

Para Fredric Jameson (1992), em *O Inconsciente Político*, a narrativa é um ato socialmente simbólico, que deve ser historicizado e observado em função das categorias ou códigos interpretativos através dos quais lhe damos sentido. A dinâmica da historicização deve, portanto, estar voltada para a atividade interpretativa, que de modo geral compreende o texto sempre como já lido, já que “nós o apreendemos por meio de camadas sedimentadas de interpretação prévia, ou - se o texto é absolutamente novo - por meio de hábitos de leitura sedimentados e categorias desenvolvidas pelas tradições interpretativas de que somos herdeiros” (JAMESON, 1992, p. 9). Dito de outro modo, a atividade interpretativa está fundada na existência de um esquema prévio, constituído, como o próprio Jameson aponta, como uma espécie de “metacomentário”, segundo o qual o objeto de estudo é reescrito ou compreendido a partir de um código interpretativo culturalmente específico e anterior. No mesmo sentido, Hall (2016), em *Cultura e Representação*, defende que devemos pensar sobre a representação em seus dois sentidos: enquanto ato representacional, que forja imaginários, mas também enquanto código cultural previamente construído, utilizado na decodificação de imagens e textos. Logo, deve-se politizar a representação, questionando-se os códigos e as imagens que articula, evidenciando disputas políticas em torno de seus sentidos, revelando interesses que participam da construção da realidade que herdamos e na qual existimos.

Analisando etimologicamente o termo ‘metacomentário’, o prefixo ‘meta’ significa mudança, posteridade, além, transcendência, ou reflexão crítica sobre. Assim, o termo metacomentário remete a um segundo comentário que transcende, que vai além, que critica um comentário já existente. Para Hollanda (s./d.), esse modo de pensar é essencialmente dialético, já que enfatiza a mudança de marcha na engrenagem da história; é uma forma de leitura essencialmente alegórica, que consiste em reinscrever um determinado texto em um código interpretativo específico. Em certo sentido, a grande narrativa de formação estadunidense, a história oficial, é um texto que tem sido, sistematicamente, reinscrito dentro de outros códigos; escritores negros e indígenas, por exemplo, têm feito uma verdadeira reavaliação dessa narrativa histórica, politizando experiências e preenchendo suas lacunas a partir de posições mais inclusivas, menos homogeneizantes. Nesse sentido, a história oficial segue sendo importante, funcionando como um texto base (um comentário) a ser reconstruído, rasurado, erodido, mas segue participando do processo social de atribuição de sentido simbólico as narrativas. Esse fenômeno pode ser compreendi-

do a partir de ‘*La condition postmoderne*’, de Jean-François Lyotard (1979), que defende a impossibilidade de se fazer uma história (também enquanto narrativa), de se atribuir sentido aos eventos, de se considerar o significado das práticas pessoais, sociais, históricas e culturais, sem partir das grandes narrativas socialmente compartilhadas, dos textos históricos oficiais, de certo modo, já que há uma relação inerente entre toda expressão particular (ou pessoal) com seu contexto social, ideológico, histórico e cultural – o código representacional precede a narrativa e dela participa, tanto no ato de narrar, quanto no ato de ler e entender seu sentido (HALL, 2016).

Sendo assim, a grande narrativa histórica estadunidense, mesmo sendo confrontada, continua tendo uma função importante; ela é a base sobre a qual narrativas ficcionais da literatura contemporânea historicizam e politizam a experiência de sujeitos subalternizados, de vivências propositalmente excluídas e apagadas. Na narrativa oficial de construção da nação, aqui tematizada, há um vazio deixado pela ausência de certos grupos sociais. Há, no entanto, na literatura, uma tentativa de retomar essa construção narrativa oficial, esse comentário, e de metacomentá-lo, propondo um esforço reconstrutivo da narrativa oficial, fabricando um código interpretativo menos opressivo e de resistência à imposição da episteme anglo-saxônica, forjando narrativas que suplementam o discurso imposto, abrindo brechas para outras experiências igualmente (norte)americanas, num processo de reinscrita.

Nesse ensaio, pretende-se discutir esse esforço de criação de um metacomentário reinterpretativo da história oficial a partir das seguintes narrativas: *The color purple* (1982), de Alice Walker; *Beloved* (1987) e *Home* (2012), de Toni Morrison; *Ceremony* (1977), de Leslie Marmon Silko e *Mean Spirit* (1990), de Linda Hogan. Os três primeiros romances se debruçam sobre experiências afro-americanas na sociedade estadunidense e serão observados em *Narrar o trauma, reinventar a vida*. Já os dois últimos romances, que tratam de vivências de ameríndios, serão observados na última parte do ensaio – *Curar-se do branco, redescobrir o si mesmo*. As narrativas aqui consideradas evidenciam, por um lado, uma mudança no código interpretativo da história oficial estadunidense, particularmente na narrativa de construção da nação, que se torna um pouco mais inclusivo, apontando para realidades historicamente apagadas, desenterrando o passado de violência recalcado contra negros e povos originários; por outro lado, evidenciam também um projeto comum desses escritores – a reconstrução da narrativa oficial a partir de perspectivas descentradas, fora do núcleo eurocêntrico hegemônico. Assim, essa literatura empreende aquilo que propõe Jean-François

Côté (2001), já que reflete sobre as grandes narrativas americanas a partir de *micro-récits* e preenchem lacunas nas visões totalitárias e universalizantes do discurso oficial, através da politização de experiências particulares.

Narrar o trauma, reinventar a vida

Para Jameson (1992), a interpretação política de artefatos culturais deve ser preponderante em relação a outras formas de interpretar, devendo ser tomada como um horizonte absoluto de toda atividade hermenêutica. Esse pressuposto de seu pensamento atualiza e dá vigor ao pensamento marxista. Para Holanda (s./d.), Jameson surge, estranhamente, da defesa da atualidade do pensamento teórico marxista em um momento de guerra contra Marx, contra análises ideologizantes e até contra a própria noção de História, resgatando a importância do pensamento do filósofo prussiano, da análise da ideologia e da própria História nas leituras e interpretações do mundo atual. Sendo assim, mais importante que exercer algum tipo de patrulhamento ideológico sobre as tendências estéticas e intelectuais contemporâneas é suspender os dualismos éticos e promover o pluralismo e a coexistência de métodos e interpretações, garantindo a existência de múltiplas vozes e o enfrentamento da mercantilização da vida e de sua base natural, revelando os diferentes interesses imbricados nas mudanças no código interpretativo de uma determinada realidade.

Em *The Color Purple* (1981), de Alice Walker, as relações de poder representadas partem da posição duplamente subalternizada de uma mulher negra em contextos patriarcais. Celie, personagem principal do romance, é posta em lugares que a inferiorizam na relação com o homem – pai, marido, que não foi escolhido por ela, enteados –, e na relação com a sociedade como um todo, existindo em um lugar balizado por uma dupla marcação – racial e de gênero. Celie, como adverte Grada Kilomba (2019, p. 94), em *Memórias da Plantação*, “a “raça” não pode ser separada de gênero nem o gênero pode ser separado da “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo.”

Nesse sentido, a obra cria uma espécie de micro representação da sociedade a partir da posição de uma mulher negra, recuperando, no núcleo familiar, as forças que determinam a opressão da personagem. No início da narrativa, Celie tem somente 14 anos; ela não recebeu educação formal e é frequentemente estuprada pelo seu suposto pai, por quem é tratada como um objeto, cuja posse é transferida para um outro homem.

Embora não seja legalmente escrava e exista ficcionalmente em um tempo em que há escravização de pessoas já havia sido criminalizada, a vida de Celie alegoriza o que foi vivido por escravas negras anos antes, particularmente em relação à anulação de sua disposição de vontade, demonstrando também a continuidade da colonialidade, da manutenção de estratégias de dominação naquele território. *The Color Purple* revela a sobreposição e fixação da identidade de mulheres negras em padrões perversos que, mesmo criminalizados, continuam impondo esquemas ferozes de opressão e exploração, mesmo no espaço privado, mesmo no lugar da intimidade, mesmo nas relações afetivas. Assim, Celie materializa um terceiro lugar, um “vácuo de apagamento habitado” (KILOMBA, 2018), sustentado pela dominação masculina e racial.

A permanência da opressão, agora enquanto memória, é, por sua vez, problematizada em *Beloved* (1987), de Toni Morrison, que comenta e recria os efeitos psicológicos desse legado histórico. Na obra, a escravidão continua no presente de Sethe, uma mulher recém-liberta que, após fugir do estado em que vivia, onde o crime contra a humanidade do qual foi vítima ainda era possível, convive cotidianamente com seu passado, metaforizado no fantasma da filha assassinada, 18 anos antes; para libertar seu rebento de uma vida de escravidão, Sethe mata-a. Assim, o romance sugere que nem a morte é um caminho possível para a superação do trauma da escravização, de ter sido violentamente objetificada, desumanizada por agentes brancos que, em prejuízo da vida, punham o lucro acima de tudo.

A narrativa de Toni Morrison é baseada em um acontecimento real, a história de Margaret Garner, que também escapou da escravidão no Kentucky e assassinou a filha quando foi novamente presa em Ohio. As dificuldades encontradas por Sethe na convivência com o passado que lhe foi imposto, podem ser alegoricamente compreendidas como as dificuldades da própria nação em conviver com seu passado. A obra permite, portanto, pensar o fantasma enquanto símbolo do mal-estar de existir em um lugar construído a partir da violência, da qual se foi vítima, revelando o horror que subsiste ao marco temporal da escravização – a experiência pós-traumática. Atrelado na origem aos esquemas de exploração do trabalho e da vida em regimes de classificação racial (QUIJANO, 2005), os EUA recalcam, permanentemente, esse fato, construindo uma narrativa de si fundada nas ideias de liberdade e democracia. Esse passado, contudo, como a filha de Sethe, retorna do inconsciente social, explodindo violentamente em cada nova morte, em cada novo caso de violência policial, em cada novo assassinato de pessoas negras, como nos casos de George

Floyd³ e Breonna Taylor⁴, assombrando, fazendo ruir, como força disruptiva, a imagem de paraíso na terra que o país tenta construir para si, revelando há impossibilidade da paz sem reparação do passado.

Já em *Home* (2012), Morrison conta a história de Frank Money, um homem negro de 24 anos, veterano da guerra da Coreia, em sua jornada de volta para casa, um ano após sua liberação do serviço militar. Nessa narrativa, a problemática central é a fragmentação da casa, do lar, que não mais existe como foi conhecido por Frank; o ponto nevrálgico é a discussão do que é e de onde está a casa. Depois do serviço militar, Frank perde seu soldo no jogo, perde todos os trabalhos que conseguiu, perde a namorada com quem morou; além de tudo isso, luta contra a possibilidade iminente de perder a própria sanidade. Para Cornejo-Polar (2000), o discurso resultante de um sujeito diaspórico, interdito em um presente completamente insatisfatório, é descentrado e até esquizofrênico. Talvez daí a dificuldade de se seguir a lógica narrativa de *Home*, e também de *Beloved*; nos dois romances, as personagens principais são sujeitos que se deslocam ou que são forçadamente deslocados; desenraizados e vivem a insegurança de ter ou não a casa – casa vista enquanto metáfora de espaço de acolhimento e tranquilidade. A casa, portanto, é uma interdição, uma impossibilidade, um lugar onde não se chega e para o qual não se pode retornar. De certo modo, a condição do afro-estadunidense, do afro-diaspórico é esse lugar ainda impossível, ainda por vir, já que, como as obras revelam, a colonialidade continua agindo, impedindo a construção desse *topos*, inviabilizando o estabelecimento de uma relação mais harmônica com o lugar em que vivem.

Essas três obras apontam para pontos centrais do pensamento de Jameson: a luta de classes; a ideologia e a importância da noção de história, como formas de interpretar e ler artefatos culturais. É interessante observar que o ponto de partida da narrativa de *Beloved*, a experiência real de Margaret Garner, demonstra exatamente a necessidade de se considerar o histórico para, a partir dele, descobrir-se a ideologia por trás de nossas interpretações da cultura e da manipulação de nossos desejos e sonhos. No caso da literatura afro-estadunidense, o pressuposto que move a produção das obras consideradas é a necessidade de construir um passado histórico do negro a partir do que foi vivido pelo negro, para assim transcender a condição de subjugação e o apagamento histórico impostos pelo grupo hegemônico anglo-americano que, também através da imposição de uma narrativa de liberdade e democracia, permite a manutenção de violências,

³ Estrangulado com o joelho por um policial branco da Polícia de Minneapolis no dia 25 de maio de 2020.

⁴ Morta a tiros por policiais do Departamento de Polícia Metropolitana de Louisville em 13 de março de 2020.

a continuidade da expropriação do trabalho e da vida de pessoas, como forma de garantir lucros ao capital, à elite do país.

Celie, em *The Colour Purple*, é um exemplo perfeito de trabalho com a experiência vivida e de contato com a própria dor, de reconhecimento do estado pós-traumático; ela registra, em seu diário, suas vivências e a ausência da irmã Nettie e de seus dois filhos, forçadamente, dados para adoção. Estimulada pelo contato com a amante de seu marido, Shug Avery, descobre que sua irmã lhe escrevia cartas, secretamente mantidas pelo o homem com quem foi forçada a se casar; descobre ainda a parte escondida de sua história - que sua família vive na África e, a partir do reconhecimento e do atravessamento da opressão, descobre a possibilidade de ter e de reconstruir relações afetivas; descobre-se sujeito, importante, dono de si, e finalmente transcende a própria condição, não porque mude as estruturas sociais, que continuam opressivas, mas porque muda a sua relação com elas. É justamente a descoberta de seu passado, de sua história, que dá condições para a recuperação da autonomia e para o restabelecimento da personagem de um modo mais satisfatório, enquanto um Eu. No processo de reconhecimento e de narração de sua história, da própria dor, Celie atravessa sua opressão e torna-se “a narradora e a escritora de sua própria realidade, a autora e autoridade [de sua] da minha própria história. Nesse sentido, [Celie] eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predetermined.” (KILOMBA, 2019, p. 28).

Segundo Walter (2009), o processo de lembrar o passado, de trabalho com a memória, de perlaboração (atravessamento) do trauma, mesmo que seja um trauma coletivo, é fundamental para a) reunir os pedaços da identidade fragmentada e para b) assumir a responsabilidade pela reconstrução, sendo a retomada literária do passado, também, uma forma de resistência à descontinuidade, um esforço de integralização, uma forma de exigir reparação e de dar início a reinvenção da própria vida, da própria nação. Em outros termos, a literatura afro-estadunidense, as obras aqui consideradas, fazem um esforço de atravessamento do trauma colonial, travando uma luta pela resignificação e inserção do negro apagado das histórias oficiais e, conseqüentemente, pela evidência da violência histórica. Essa evidência, mais que um contato com a dor, é ponto de partida, é portão de embarque para uma experiência nacional mais integrada e, verdadeiramente, democrática.

Curar-se do branco, redescobrir o si mesmo

Enquanto o processo de reconstrução do passado histórico do negro enfatiza a revelação dos efeitos da escravização e a importância da memória na transformação da realidade, nos dois romances de escritoras indígenas predomina a rememoração da subjugação dos povos ameríndios, o seu confinamento em reservas e o esfacelamento de sua cultura, como efeitos de uma convivência forçada com uma episteme que prioriza o lucro em detrimento da vida. Embora tomem como ponto de partida eventos históricos do século XX, essas obras falam também daquilo que o índio estadunidense vive hoje. Esses romances também são, portanto, com base em Jameson, metacomentários do presente a partir do passado, realizadas através de um código interpretativo atualizado, construído da perspectiva ameríndia, destacando a experiência dos que aqui viviam antes da chegada, antes da invasão.

Em *Mean Spirit* (1990), Linda Hogan reflete sobre os efeitos da descoberta e da exploração de petróleo em terras indígenas no Estado de Oklahoma na década de 1920, retomando um evento histórico nomeado pelos jornais como “*The Osage Reign of Terror*”, em que cerca de 60 índios Osage foram assassinados. Na primeira década desse século, ainda durante o processo de confinamento dos índios em reservas, cada membro da tribo Osage recebeu cerca de 657 acres de terra, adquirindo também o direito de receber “royalties” da exploração do petróleo. Os recursos minerais eram de propriedade de todos e os índios dividiam os royalties entre todos de forma proporcional. A partir de 1921, o Congresso decidiu que índios ou seus descendentes menores de idade deveriam ter guardiões legais apontados judicialmente até demonstrarem capacidade civil, independentemente, de terem pais vivos. Os guardiões eram normalmente advogados e comerciantes brancos, que se beneficiam fortemente dessa relação de dependência legalmente instituída. Hogan enfatiza a luta entre a ganância do grupo anglo-americano, o grupo invasor, e a resistência da cultura e dos povos originários. Desse modo, sua narrativa enfatiza a colisão entre dois mundos, entre duas epistemes culturais; uma colisão cujo resultado é sempre negativo para os povos nativos.

A construção narrativa de *Mean Spirit* foca em múltiplos protagonistas e atende a necessidade apontada por Côtê (2001), criando micro narrativas que fraturam a visão universalizante e totalitária da versão histórica oficial, a partir do revezamento de diferentes posições narrativas: membros das famílias Greycloud e Blanket, o vidente Michael Horse, e Stace Red Haw, um Lakota enviado para Oklahoma como investigador federal

dos assassinatos de índios. O resultado desse jogo, no qual a fala vai sendo transferida de uma para outra personagem, é a certeza de que os índios são sempre perdedores na relação com o grupo hegemônico: primeiro do território; depois do óleo encontrado em sua reserva, tida, inicialmente como improdutiva e imprestável para a exploração; depois da autonomia e, conseqüentemente, do modo próprio de existir, já que ter capacidade civil, antes de tudo, significa agir dentro de uma lógica legal específica, nesse caso, imposta pelo colonizador – ter capacidade civil significa, dessa maneira, ter um pensamento eurocentrado, adotar o comportamento do colonizador, ser branco, portanto, coisa que um ameríndio jamais será.

Os brancos chegam para coletar o óleo com o objetivo de pagar por ele tão pouco quanto possível; caso recuse o quinhão anual de 10%, ou \$200, devido aos ‘totalmente’ nativos, o índio é declarado insano e um advogado é constituído como seu curador e, portanto, como responsável pela gestão de seu dinheiro. Nesse contexto, alguns índios não conseguem pagar seus débitos e fazem empréstimos com o ‘benevolente’ John Hale, que garante o empréstimo, condicionando-o a contratação de um seguro de vida, cujo beneficiário é o próprio Hale. Obviamente, a consecução do prêmio do seguro de vida nunca demora. Alegoricamente, esses esquemas e estratégias dos brancos petroleiros representam o tratamento histórico recebido pelos índios por parte do grupo hegemônico. Embora esses acontecimentos tendam a ser ‘esquecidos’ pela história oficial, a narrativa de Hogan é, ao mesmo tempo, uma tentativa de narrar o trauma mas também uma forma de existir dentro dessa história, um jeito de reconstruir o evento e de preencher suas lacunas a partir da ficcionalização de um evento histórico, considerado o primeiro grande caso do FBI, conforme informações encontradas nos sites do *The National Museum of the American Indian* e da *Oklahoma Historical Society*⁵.

Ceremony, de Leslie Marmon Silko, é o primeiro romance escrito por uma mulher ameríndia nos Estados Unidos. A narrativa foca nos problemas de Tayo, um mestiço – *half white, half-Laguna*, que depois de sobreviver a Segunda Guerra Mundial e de presenciar a morte de seu primo Rocky durante a Marcha da Morte de Bataan, em 1942, retorna para a casa de sua família em *Laguna Pueblo*. Lá, torna o álcool jeito de com seus conflitos, com seu estresse pós-traumático, até encontrar, na cultura tradicional de seu povo, um outro caminho, uma cura para seu mal. Em certo sentido, assim como em *The Color Purple*, de Alice Walker, *Ceremony* é uma continuação da história;

⁵ Mais informações sobre ‘The Osage Reign of Terror’ podem ser encontradas nos seguintes sites: <http://blog.nmai.si.edu/main/2011/03/the-osage-murders-oil-wealth-betrayal-and-the-fbis-first-big-case.html> e <http://www.okhistory.org/publications/enc/entry.php?entry=OS005>.

o romance atualiza elementos tradicionais de culturas nativas norte-americanas, incluindo rituais, recursos naturais e culturais, em uma narrativa que demonstra profundo conhecimento da realidade do sujeito culturalmente híbrido, filho do choque entre epistemes e grupos étnicos distintos.

Tayo, o protagonista da narrativa, é um ser entre culturas distintas; é o filho de uma mãe indígena que deserta de sua tribo com um pai branco desconhecido; é aquele que precisa retornar para sua casa, onde moram sua avó, sua tia e o marido dela, para lá se recuperar do trauma da guerra, o trauma de ter sido usado como arma. É dessa percepção de si que resulta a ilusão de ter visto o rosto de seu tio Josiah entre as faces dos soldados japoneses, aqueles a quem deveria matar. Em casa, Tayo enfrenta dois grandes dramas: o desapontamento da família pela morte de Robert e o luto pela morte de seu tio favorito – Josiah. Além disso, ele se sente culpado pela seca que atingiu sua reserva por seis anos, pois acredita que ela é resultado da prece que proferiu nas florestas das Filipinas e é dele a responsabilidade de trazer a chuva de volta. Em outros termos, Tayo sente-se culpado e responsável por fazer ressurgir a vida em seu território esfacelado, fardo duro demais para ser carregado por um homem.

Conforme se recupera, Tayo descobre que não está só; que seus amigos que lutaram na guerra também recorreram ao álcool como forma de lidar com as dores do pós-guerra. A presença dos amigos não ajuda muito, já que passam o tempo remoendo a grandeza da guerra e o respeito que receberam enquanto estavam de uniforme. Quando suas esperanças começam a acabar, sua avó chama um *Ku'oosh*, um curandeiro, que conhece os rituais e as tradições de sua tribo, para realizar uma cerimônia de recuperação de guerreiros que mataram na guerra. A cerimônia, embora Tayo e o próprio *Ku'oosh* duvidem de sua eficácia, parece representar a própria condição frágil e desacreditada em que foi posta a cultura nativa diante dos esquemas de opressão dos grupos hegemônicos. De qualquer forma, mesmo despotencializada, são elas, as culturas e práticas específicas dos povos ameríndios, sua episteme, seus saberes construídos na relação entre povos e lugares, que criam as condições para a cura, para a descolonização e atravessamento da dor e para o reencantamento da vida.

Considerações finais

A noção de historicização em Jameson (1992) não se refere ao estudo da natureza das estruturas “objetivas” de um determinado texto literário, mas à análise das categorias ou códigos interpretativos por meio dos quais

lemos o texto. Seu interesse é, portanto, menos o texto do que a própria dinâmica do ato da interpretação. Isso é o que Jameson define como meta-comentário. Assim, a literatura aqui considerada é uma forma de leitura essencialmente alegórica, que consiste em reinscrever um determinado texto em um código interpretativo específico, promovendo a reavaliação dialética da história, revelando maneiras “locais” pelas quais diferentes tendências constroem seus objetos e os reinserem no contexto político, à medida que fissuram as grandes narrativas, reinserindo sujeitos e posições relegadas ao esquecimento no contexto cultural estadunidense, recompondo a história e reafirmando a importâncias do ‘diferente’ no processo de formação da nação. O pensamento de Cotê (2001) corrobora com o que diz Jameson (1992) em relação a não novidade do texto: um texto se apresenta sempre como já lido, já que o apreendemos através de um esquema previamente constituído ou através de hábitos interpretativos já sedimentados. Isso não significa que escritores negros e índios estejam simplesmente realizando releituras da história oficial, mas que constroem, a partir do que é historicamente posto, versões mais inclusivas, que politizam suas posições e particularidades em oposição a versão do grupo dominante.

Dessa forma, a literatura em destaque gera significado a partir da adesão a uma narrativa anterior, que apaga e marginaliza sujeitos, mas que continua exercendo uma função; a de signo a ser quebrado, destruído, recomposto, revisto, etc. Assim, a versão oficial é o texto a ser reconfigurado, é o objeto de um processo de reinserção da participação de negros e índios na formação e desenvolvimento da sociedade estadunidense, cuja proposta fundamental é a retomada das culturas tradicionais como plataforma de ação política, que permite estabelecer outras identidades simbólicas, que não a do grupo dominante.

Nas narrativas aqui consideradas, há um grupo hegemônico anglo-americano-branco que, mesmo quando não enfatizado, detém o poder e a capacidade de impor sua vontade sobre os povos ameríndios e negros, que precisam ou são forçados a resistir a um processo histórico de negação e subjugação de suas vontades e vidas. A relação entre o branco, ameríndios e negros é fortemente permeada por um desequilíbrio na distribuição de poder, o que coloca em prática um processo de opressão permanente. Tomando os romances de Walker e de Silko como referências, as culturas afro-americanas, sua resistência e preservação, assim como a cultura ameríndia, são apresentadas como caminhos de cura, de descolonização dos contextos em que vivem Celie e Tayo, tão desenraizados e desumanizados. Em *The Color Purple*, por exemplo, o surgimento da África na narrativa,

a descoberta de que Nattie mudou-se para lá, marca também o início da recuperação da autonomia de Celie; é a partir daí que a personagem resgata sua força, estima e potência. Já em *Ceremony*, a sanidade de Tayo é resgatada pelo retorno às tradições de seu povo, pela retomada de práticas culturais esquecidas. Assim, essas obras propõem uma retomada, pelos descendentes de negros e povos originários, de práticas culturais tradicionais, diversas das práticas hegemônicas como uma forma de politização, de reinserção desses grupos no cenário político – reivindicando o reconhecimento da diferença, desfazendo-se da crença de que se pode ser o que não se é – parte do mundo construído, organizado pelo Outro de si.

Essas obras são construídas em função das particularidades das vidas de personagens negras e indígenas e estão em uma relação diametralmente oposta à das grandes narrativas norte-americanas, rasurando-as em diferentes sentidos, construindo uma espécie de contramemória, que preenche a ausência das minorias étnicas subjugadas no discurso histórico oficial. As narrativas consideradas centram-se sobretudo nas descontinuidades, realçando as diferenças entre as consciências, de uma perspectiva marginal, em que o discurso oficial de formação da nação é contraposto às especificidades dos casos particulares; há, portanto, uma poética histórica construída e significada a partir de eventos que excedem e que permeiam todas as obras. Assim, a partir do particular, os escritores refletem sobre o efeito nefasto da dinâmica de subalternização do outro, que afirma a identidade anglo-americana, ao mesmo tempo em que nega a diferença (WALTER, 2004), desarticulando a relação de pertencimento das personagens à medida que constrói a identidade da nação estadunidense.

Referências

COTÉ, J.F. **Le renouveau du grand récit des Amériques: Polyphonie de l'identité culturelle dans le contexte de la continentalisation.** Em: CUCIOLETTA, D.; COTÉ, J.F.; LESEMANN, F. (Orgs.) *Le renouveau du grand récit des Amériques: Polyphonie de l'identité culturelle dans le contexte de la continentalisation.* Sainte-Foy, Les Presses de l'Université Laval/Les Éditions de l'IQRC, 2001, p. 9-40.

HALL, S. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOGAN, L. **Mean Spirit.** Nova Iorque: Ivy Books, 1990.

HOLLANDA, H. B. O Inconsciente Político - Jameson. (s./d.) Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/o-inconsciente-politico-jameson/> Acesso em 16 de janeiro de 2016.

JAMESON, F. **O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MORRISON, T. **Beloved**. Nova Iorque: Vintage International, 2004.

MORRISON, T. **Home**. Nova Iorque: Knopf, 2012.

CORNEJO-POLAR, A. **O condor voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 200.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SILKO, L. M. **Ceremony**. Nova Iorque: The Viking Press, 2006.

WALKER, A. **The Color Purple**. Nova Iorque: First Harvest Editions, 2003.

WALTER, R. **Rosto Colado: A dança fronteiriça do contraditório Processo de Significação nos Estados Unidos**. Em: Oliveira, Marcos Guedes de. (org). Brasil e EUA no Novo Milênio. Recife: EDUFPE, 2004, p. 209-231.